

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

Trabalho

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO SETE)

Contato: Fones 19 (R) 33011702 (R) 3433-8679 - 97818905

Piracicaba - SP

Abril de 2009

INDICE

MANUAL E DICIONÁRIO DO ESPIRITISMO.....	03
O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO.....	03
O LIVRO DOS ESPÍRITOS.....	06
O LIVRO DOS MÉDIUNS.....	08
DEPOIS DA MORTE.....	11
A REVISTA ESPÍRITA 1858.....	12
A REVISTA ESPIRITA 1864.....	13
JOANA D'ARC MÉDUM.....	16
O GRANDE ENIGMA.....	17
SOCIALISMO E ESPIRITISMO.....	17
BÍBLIA SAGRADA.....	19
REVISTA ESPÍRITA 1866.....	20
OS FUNERAIS DA SANTA SÉ.....	21
PÉROLAS LITERÁRIAS.....	23
HISTÓRIA DO ESPIRITISMO.....	24
O CÉU E O INFERNO.....	25

Manual e Dicionário Básico do Espiritismo

A. Caverson/Geziel Andrade

Trabalho Ocupação útil do espírito encarnado ou desencarnado, como meio indispensável do aperfeiçoamento da inteligência e de prestação de serviço ao bem geral. O uso útil e eficiente das faculdades intelectuais e o aproveitamento das aptidões naturais do ser, amenizam a aridez do trabalho e da vida material e devem ser, portanto, incentivados.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Allan Kardec

Fora da Caridade não há salvação. Cap.15 §10

.....é necessária uma virtude ativa. Para fazer-se o bem, mister sempre se torna a ação da vontade; para se não praticar o mal, basta as mais das vezes a inércia e a despreocupação.

A fé humana e a divina. Cap.19 §12

.....O homem de gênio que se lança à realização de algum grande empreendimento triunfa, se tem fé, porque sente em si que pode e há de chegar ao fim colimado, certeza que lhe facilita imensa força. O homem de bem que, crente em seu futuro celeste, deseja encher de belas e nobres ações a sua existência, haure na sua fé, na certeza da felicidade que o espera, a força necessária, e ainda ai se operam milagres de caridade, de devotamento e de abnegação. Enfim, com a fé, não há maus pendores que se não chegue a vencer.

Os Trabalhadores da última hora Cap. XX § 1

1- O reino dos céus é semelhante a um pai de família que saiu de madrugada, a fim de assalariai trabalhadores para a sua vinha. – Tendo convencionado com os trabalhadores que pagaria um denário a cada um por dia, mandou-os para a vinha. – Saiu de novo à terceira hora do dia

e, vendo outros que se conservavam na praça sem fazer coisa alguma. – disse-lhes: Ide também vós outros para a minha vinha e vos pagarei o que for razoável. Eles foram. – Saiu novamente à hora sexta e à hora nona do dia e fez o mesmo. – Saindo mais uma vez à hora undécima, encontrou ainda outros que estavam desocupados, aos quais disse: Por que permaneceis aí o dia inteiro sem trabalhar? – É, disseram eles, que ninguém nos assalariou. Ele então lhes disse: Ide vós também para a minha vinha. Ao cair da tarde disse o dono da vinha àquele que cuidava dos seus negócios: Chama os trabalhadores e paga-lhes, começando pelos últimos e indo até aos primeiros. – Aproximando-se então os que só à undécima hora haviam chegado, receberam um denário cada um. – Vindo a seu turno os que tinham sido encontrados em primeiro lugar, julgaram que iam receber mais; porém, receberam apenas um denário cada um. – Recebendo o, queixaram-se ao pai de família – dizendo: Estes últimos trabalharam apenas uma hora e lhes dás tanto quanto a nós que suportamos o peso do dia e do calor. Mas, respondendo, disse o dono da vinha a um deles: Meu amigo, não te causo dano algum; não convencionaste comigo receber um denário pelo teu dia? Toma o que te pertence e vai-te; apraz-me a mim dar a este último tanto quanto a ti. – Não me é então lícito fazer o que quero? Tens mau olho, porque sou bom? Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos, porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos. (S. MATEUS, 20:1a 16. Ver também: “Parábola do festim das bodas”, cap. XVIII, nº1.)

OS ÚLTIMOS SERÃO OS PRIMEIROS

2. Deus, derramado o sangue de seus irmãos, lançado a perturbação nas famílias, arruinado os que nele confiaram, abusado da inocência, que, enfim, se haja cevado em todas as ignomínias da Humanidade? Que será desse? Bastar-lhe-á dizer à última hora: Senhor, empreguei mal o meu Oobreiro da última hora tem direito ao salário, mas é preciso que a sua boa vontade o haja conservado à disposição daquele que o tinha de empregar e que o seu retardamento não seja fruto da preguiça ou da má vontade. Tem ele direito ao salário, porque desde a alvorada esperava com impaciência aquele que por fim o chamaria para o trabalho. Laborioso, apenas lhe faltava o labor. Se, porém, se houvesse negado ao trabalho a qualquer hora do dia; se houvesse dito: “tenhamos paciência, o repouso me é agradável; quando soar a última hora é que será tempo de pensar no salário do dia; que necessidade tenho de me incomodar por um patrão a quem não conheço e não estimo! Quanto mais tarde, melhor”; esse tal, meus amigos, não teria tido o salário do obreiro, mas o da preguiça. Que dizer,

então, daquele que, em vez de apenas se conservar inativo, haja empregado as horas destinadas ao labor do dia em praticar atos culposos; que haja blasfemado de tempo; tome-me até ao fim do dia, para que eu execute um pouco, embora bem pouco, da minha tarefa, e dá-me o salário do trabalhador de boa vontade? Não, não; o Senhor lhe dirá: Não tenho presentemente trabalho para te dar; malbarataste o teu tempo; esqueceste o que havias aprendido; já não sabes trabalhar na minha vinha. Recomeça, portanto, a aprender e, quando te achares mais bem-disposto, vem ter comigo e eu te franquearei o meu vasto campo, onde poderás trabalhar a qualquer hora do dia. Bons espíritas, meus bem-amados, sois todos obreiros da última hora. Bem orgulhoso seria aquele que dissesse: Comecei o trabalho ao alvorecer do dia e só o terminarei ao anoitecer. Todos viestes quando fostes chamados, um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, para a encarnação cujos grilhões arrastais; mas há quantos séculos e séculos o Senhor vos chamava para a sua vinha, sem que quisésseis penetrar nela! Eis-vos no momento de embolsar o salário; empregai bem a hora que vos resta e não esqueçais nunca que a vossa existência, por longa que vos pareça, mais não é do que um instante fugitivo na imensidão dos tempos que formam para vós a eternidade. – Constantino, Espírito Protetor. (Bordéus, 1863.)

BUSCAI E ACHAREIS

AJUDA-TE A TI MESMO, QUE O CÉU TE AJUDARÁ

1. Pedi e se vos dará; buscai e achareis; batei à porta e se vos abrirá; porquanto, quem pede recebe e quem procura acha e, àquele que bata à porta, abrir-se-á. Qual o homem, dentre vós, que dá uma pedra ao filho que lhe pede pão? – Ou, se pedir um peixe, dar-lhe-á uma serpente? – Ora, se, sendo maus como sois, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, não é lógico que, com mais forte razão, vosso Pai que está nos céus dê os bens verdadeiros aos que lhos pedirem? (S. MATEUS, 7:7 a 11.) 3. Se Deus houvesse isentado do trabalho do corpo o homem, seus membros se teriam atrofiado; se o houvesse isentado do trabalho da inteligência, seu espírito teria permanecido na infância, no estado de instinto animal. Por isso é que lhe fez do trabalho uma necessidade e lhe disse: Procura e acharás; trabalha e produzirás. Dessa maneira serás filho das tuas obras, terás delas o mérito e serás recompensado de acordo com o que hajas feito. 4. Em virtude desse princípio é que

os Espíritos não acorrem a poupar o homem ao trabalho das Pesquisas, trazendo-lhe, já feitas e prontas a ser utilizadas, descobertas e invenções, de modo a não ter ele mais do que tomar o que lhe ponham nas mãos, sem o incômodo, sequer, de abaixar-se para apanhar, nem mesmo o de pensar. Se assim fosse, o mais preguiçoso poderia enriquecer-se e o mais ignorante tornar-se sábio à custa de nada e ambos se atribuiriam o mérito do que não fizeram. Não, os Espíritos não vêm isentar o homem da lei do trabalho: vêm unicamente mostrar-lhe a meta que lhe cumpre atingir e o caminho que a ela conduz, dizendo-lhe: Anda e chegarás. Toparás com pedras; olha e afasta-as tu mesmo. Nós te daremos a força necessária, se a quiseres empregar. (O Livro dos Médiums, 2ª Parte, cap. XXVI, nos 291 e seguintes.)

O Livro dos Espíritos

Allan Kardec

Da Lei do Trabalho

- Cap. III Necessidade do Trabalho

674. A necessidade do trabalho é lei da Natureza? “O trabalho é lei da Natureza, por isso mesmo que constitui uma necessidade, e a civilização obriga o homem a trabalhar mais, porque lhe aumenta as necessidades e os gozos.”

675. Por trabalho só se devem entender as ocupações materiais? “Não; o Espírito trabalha, assim como o corpo. Toda ocupação útil é trabalho.”

676. Por que o trabalho se impõe ao homem? “Por ser uma consequência da sua natureza corpórea. É expiação e, ao mesmo tempo, meio de aperfeiçoamento da sua inteligência. Sem o trabalho, o homem permaneceria sempre na infância, quanto à inteligência. Por isso é que seu alimento, sua segurança e seu bem-estar dependem do seu trabalho e da sua atividade. Ao extremamente fraco de corpo outorgou Deus a inteligência, em compensação. Mas é sempre um trabalho.”

677. Por que provê a Natureza, por si mesma, a todas as necessidades dos animais? “Tudo em a Natureza trabalha. Como tu, trabalham os animais, mas o trabalho deles, de acordo com a inteligência de que dispõem, se limita a cuidarem da própria conservação. Daí vem que do trabalho não lhes resulta progresso, ao passo que o do homem visa duplo fim: a conservação do corpo e o desenvolvimento da faculdade de pensar, o que também

é uma necessidade e o eleva acima de si mesmo. Quando digo que o trabalho dos animais se cifra no cuidarem da própria conservação, refiro-me ao objetivo com que trabalham.. Mas, não deduzais daí que o homem se conserve inativo e inútil. A ociosidade seria um suplício, em vez de ser um benefício.”

678. Em os mundos mais aperfeiçoados, os homens se acham submetidos à mesma necessidade de trabalhar? “A natureza do trabalho está em relação com a natureza das necessidades. Quanto menos materiais são estas, menos material é o trabalho, talvez; não, porém, da obrigação de tornar-se útil, conforme aos meios de que disponha, nem de aperfeiçoar a sua inteligência ou a dos outros, o que também é trabalho. Aquele a quem Deus facultou a posse de bens suficientes a lhe garantirem a existência não está, é certo, constrangido a alimentar-se com o suor do seu rosto, mas tanto maior lhe é a obrigação de ser útil aos seus semelhantes, quanto mais ocasiões de praticar o bem lhe proporciona o adiantamento que lhe foi feito.”

679. Achar-se-á isento da lei do trabalho o homem que possua bens suficientes para lhe assegurarem a existência? “Do trabalho material, Entretanto, provendo às suas necessidades materiais, eles se constituem, inconscientemente, executores dos desígnios do Criador e, assim, o trabalho que executam também concorre para a realização do objetivo final da Natureza, se bem quase nunca lhe descubrais o resultado imediato.”

680. Não há homens que se encontram impossibilitados de trabalhar no que quer que seja e cuja existência é, portanto, inútil? “Deus é justo e, pois, só condena aquele que voluntariamente tornou inútil a sua existência, porquanto esse vive a expensas do trabalho dos outros. Ele quer que cada um seja útil, de acordo com as suas faculdades.”

(643) 681. A lei da Natureza impõe aos filhos a obrigação de trabalharem para seus pais? “Certamente, do mesmo modo que os pais têm que trabalhar para seus filhos. Foi por isso que Deus fez do amor filial e do amor paterno um sentimento natural. Foi para que, por essa afeição recíproca, os membros de uma família se sentissem impelidos a ajudarem-se mutuamente, o que, aliás, com muita frequência se esquece na vossa sociedade atual.”

(205)

LIMITE DO TRABALHO REPOUSO

682. Sendo uma necessidade para todo aquele que trabalha, o repouso não é também uma lei da Natureza? “Sem dúvida. O repouso serve para a reparação das forças do corpo e

também é necessário para dar um pouco mais de liberdade à inteligência, a fim de que se eleve acima da matéria.”

683. Qual o limite do trabalho? “O das forças. Em suma, a esse respeito Deus deixa inteiramente livre o homem.”

684. Que se deve pensar dos que abusam de sua autoridade, impondo a seus inferiores excessivo trabalho? “Isso é uma das piores ações. Todo aquele que tem o poder de mandar é responsável pelo excesso de trabalho que imponha a seus inferiores, porquanto, assim fazendo, transgride a lei de Deus.”

(273) 685. Tem o homem o direito de repousar na velhice? “Sim, que a nada é obrigado, senão de acordo com as suas forças.” a) — Mas, que há de fazer o velho que precisa trabalhar para viver e não pode? “O forte deve trabalhar para o fraco. Não tendo este família, a sociedade deve fazer as vezes desta. É a lei de caridade.” Não basta se diga ao homem que lhe corre o dever de trabalhar. É preciso que aquele que tem de prover à sua existência por meio do trabalho encontre em que se ocupar, o que nem sempre acontece. Quando se generaliza, a suspensão do trabalho assume as proporções de um flagelo, qual a miséria. A ciência econômica procura remédio para isso no equilíbrio entre a produção e o consumo. Mas, esse equilíbrio, dado seja possível estabelecer-se, sofrerá sempre intermitências, durante as quais não deixa o trabalhador de ter que viver. Há um elemento, que se não costuma fazer pesar na balança e sem o qual a ciência econômica não passa de simples teoria. Esse elemento é a educação, não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na arte de formar os caracteres, à que incute hábitos, porquanto a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos. Considerando-se a aluvião de indivíduos que todos os dias são lançados na torrente da população, sem princípios, sem freio e entregues à seus próprios instintos, serão de espantar as consequências desastrosas que daí decorrem? Quando essa arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem terá no mundo hábitos de ordem e de previdência para consigo mesmo e para com os seus, de respeito a tudo o que é respeitável, hábitos que lhe permitirão atravessar menos penosamente os maus dias inevitáveis. A desordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação bem entendida pode curar. Esse o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, o penhor da segurança de todos.

O Livro dos Médiuns

Allan Kardec

291. SOBRE INTERESSES MORAIS E MATERIAIS

17^a Podem pedir-se conselhos aos Espíritos? “Certamente. Os bons Espíritos jamais recusam auxílio aos que os invocam com confiança, principalmente no que concerne à alma. Repelem, porém, os hipócritas, os que simulam pedir a luz e se comprazem nas trevas.” 18^a Podem os Espíritos dar conselhos sobre coisas de interesse privado? “Algumas vezes, conforme o motivo. Isso também depende daqueles a quem tais conselhos são pedidos. Os que se relacionam com a vida privada são dados com mais exatidão pelos Espíritos familiares, que são os que se acham mais ligados à pessoa que os pede e se interessam pelo que lhes diz respeito; é o amigo, o confidente dos vossos mais secretos pensamentos. Mas, é tão frequente os cansardes com perguntas banais, que eles vos deixam. Tão absurdo fora perguntardes, sobre coisas íntimas, Espíritos que vos são estranhos, como seria o vos dirigirdes, para isso, ao primeiro indivíduo que encontrásseis no vosso caminho. Jamais deveríeis esquecer que a puerilidade das perguntas é incompatível com a superioridade dos Espíritos. Preciso igualmente é leveis em conta as qualidades do Espírito familiar, que pode ser bom, ou mau, conforme suas simpatias pela pessoa a quem se ligue. O Espírito familiar de um homem mau é mau Espírito, cujos conselhos podem ser perniciosos, mas que se afasta e cede o lugar a um Espírito melhor, se o próprio homem se melhora. Unem-se os que se assemelham.” 19^a Podem os Espíritos familiares favorecer os interesses materiais por meio de revelações? “Podem e algumas vezes o fazem, de acordo com as circunstâncias; mas, ficai certos de que os bons Espíritos nunca se prestam a servir à cupidez. Os maus vos fazem brilhar diante dos olhos mil atrativos, a fim de vos espicaçarem e, depois, mistificarem, pela decepção. Ficai também sabendo que, se é da vossa prova passar por tal ou tal vicissitude, os vossos Espíritos protetores poderão ajudar-vos a suportá-la com mais resignação, poderão mesmo, às vezes, suavizá-la; mas, no próprio interesse do vosso futuro, não lhes é lícito isentar-vos dela. Um bom pai não concede ao filho tudo o que este deseja.” Nota. Os nossos Espíritos protetores podem, em muitas circunstâncias, indicar-nos o melhor caminho, sem, entretanto, nos conduzirem pela mão, porque, se assim fizessem, perderíamos o mérito da iniciativa e não ousaríamos dar um passo sem a eles recorrermos, com prejuízo do nosso aperfeiçoamento. Para progredir, precisa o homem, muitas vezes, adquirir experiência à sua própria custa. Por isso é que os Espíritos

ponderados nos aconselham, mas quase sempre nos deixam entregues às nossas próprias forças, como faz o educador hábil, com seus alunos. Nas circunstâncias ordinárias da vida, eles nos aconselham pela inspiração, deixando-nos assim todo o mérito do bem que façamos, como toda a responsabilidade do mal que pratiquemos. Fora abusar da condescendência dos Espíritos familiares e equivocar-se quanto à missão que lhes cabe o interrogá-los a cada instante sobre as coisas mais vulgares, como o fazem certos médiuns. Alguns há que, por um sim, por um não, tomam o lápis e pedem conselho para o ato mais simples. Esta mania denota pequenez nas ideias, ao mesmo tempo que a presunção de supor, quem quer que seja, que tem sempre um Espírito servidor às suas ordens, sem outra coisa mais a fazer senão cuidar dele e dos seus mínimos interesses. Além disso, quem assim procede aniquila o seu próprio juízo e se reduz a um papel passivo, sem utilidade para a vida presente e indubitavelmente prejudicial ao adiantamento futuro. Se há puerilidade em interrogarmos os Espíritos sobre coisas fúteis, menos puerilidade não há da parte dos Espíritos que se ocupam espontaneamente com o que se pode chamar — negócios caseiros. Em tal caso, eles poderão ser bons, mas, inquestionavelmente, ainda são muito terrestres. 20^a Se uma pessoa, ao morrer, deixar embaraçados seus negócios, poder-se-á pedir a seu Espírito que ajude a desembaraçá-los? Poder-se-á também interrogá-lo sobre o quanto dos haveres que deixou, dado o caso de se não conhecer esse quanto, desde que isso se faça no interesse da justiça? “Esqueceis que a morte é a libertação dos cuidados terrenos. Julgais então que o Espírito, ditoso com a liberdade de que goza, venha de boa vontade retomar a cadeia de que se livrou e ocupar-se com coisas que já não o interessam, apenas para satisfazer à cupidez de seus herdeiros, que talvez hajam rejubilado com a sua morte, na esperança de que lhes fosse ela proveitosa? Falais de justiça; mas, a justiça, para esses herdeiros, está na decepção que lhes sofre a cobiça. É o começo das punições que Deus lhes reserva à avidez dos bens da Terra. Demais, os embaraços em que às vezes a morte de uma pessoa deixa seus herdeiros, fazem parte das provas da vida, e no poder de nenhum Espírito está o libertar-vos delas, porque se acham compreendidas nos decretos de Deus.” Nota. A resposta acima desapontará sem dúvida os que imaginam que os Espíritos nada de melhor tem a fazer do que nos servirem de auxiliares clarividentes e nos ajudarem, não a subirmos para o Céu, mas a nos prendermos à Terra. Outra consideração vem em apoio dessa resposta. Se um homem, por incúria durante a vida, deixou seus negócios em

desordem, não é de crer que, depois da morte, tenha com eles mais cuidados, porquanto feliz deve sentir-se de estar livre dos aborrecimentos que tais negócios lhe causavam e, por pouco elevado que seja, ainda menos importância lhes ligará como Espírito do que como homem. Quanto aos bens desconhecidos que haja podido deixar, nenhum motivo lhe dão para que se interesse por herdeiros ávidos, que provavelmente já não pensariam nele, se alguma coisa não esperassem colher. Se estiver ainda imbuído das paixões humanas, poderá mesmo encontrar malicioso prazer no desapontamento dos que lhe cobiçavam a herança. Se, no interesse da justiça e das pessoas que lhe são caras, um Espírito julgar conveniente fazer revelações deste gênero, fá-las-á espontaneamente e, para obtê-las, ninguém precisa ser médium nem recorrer a um médium. O próprio Espírito dará conhecimento das coisas, por meio de circunstâncias fortuitas, não, todavia, por efeito de pedidos que se lhe façam, visto que semelhantes pedidos de modo algum podem mudar a natureza das provas que os encarnados devam sofrer. Eles constituiriam antes uma maneira de as agravar, porque são quase sempre indício de cupidez e dão a ver ao Espírito que os que os formulam só se ocupam com ele por interesse. (Veja-se o nº 295.)

Depois da Morte

LII-302 - Trabalho, Sobriedade, Continência.

Léon Denis

O trabalho é uma lei para as humanidades planetárias, assim como para as sociedades do espaço. Desde o ser mais rudimentar até os Espíritos angélicos que velam pelos destinos dos mundos, cada um executa sua obra, sua parte, no grande concerto universal. Penoso e grosseiro para os seres inferiores, o trabalho suaviza-se à medida que o Espírito se purifica. Torna-se uma fonte de gozos para o Espírito adiantado, insensível às atrações materiais, exclusivamente ocupado com estudos elevados. É pelo trabalho que o homem doma as forças cegas da Natureza e preserva-se da miséria; é por ele que as civilizações se formam, que o bem-estar e a Ciência se difundem. O trabalho é a honra, é a dignidade do ser humano. O ocioso que se aproveita, sem nada produzir, do trabalho dos outros não passa de um parasita. Quando o homem está ocupado com sua tarefa, as paixões aquietam-se. A ociosidade, pelo contrário, instiga-as, abrindo-lhes um vasto campo de ação. O trabalho é também um grande consolador, é um preservativo salutar contra as

nossas aflições, contra as nossas tristezas. Acalma as angústias do nosso espírito e fecunda a nossa inteligência. Não há dor moral, decepções ou reveses que não encontrem nele um alívio; não há vicissitudes que resistam à sua ação prolongada. O trabalho é sempre um refúgio seguro na prova, um verdadeiro amigo na tribulação. Não produz o desgosto da vida. Mas quão digna de piedade é a situação daquele a quem as enfermidades condenam à imobilidade, à inação! E quando esse ser experimenta a grandeza, a santidade do trabalho, quando, acima do seu interesse próprio, vê o interesse geral, o bem de todos e nisso também quer cooperar, eis então uma das mais cruéis provas que podem estar reservadas ao ser vivente. Tal é, no espaço, a situação do Espírito que faltou aos seus deveres e desperdiçou a sua vida. Compreendendo muito tarde a nobreza do trabalho e a vileza da ociosidade, sofre por não poder então realizar o que sua alma concebe e deseja. O trabalho é a comunhão dos seres. Por ele nos aproximamos uns dos outros, aprendemos a auxiliarmo-nos, a unirmo-nos; daí à fraternidade só há um passo. A antiguidade romana havia desonrado o trabalho, fazendo dele uma condição de escravatura. Disso resultou sua esterilidade moral, sua corrupção, suas insípidas doutrinas. A época atual tem uma concepção da vida muito diferente. Encontra-se já satisfação no trabalho fecundo e regenerador. A filosofia dos Espíritos reforça ainda mais essa concepção, indicando-nos na lei do trabalho o germe de todos os progressos, de todos os aperfeiçoamentos, mostrando-nos que a ação dessa lei estende-se à universalidade dos seres e dos mundos. Eis por que estávamos autorizados a dizer: Despertai, vós todos que deixais dormitar as vossas faculdades e as vossas forças latentes! Levantai-vos e mãos à obra! Trabalhai, fecundai a terra, fazei ecoar nas oficinas o ruído cadenciado dos martelos e os silvos do vapor. Agitai-vos na colméia imensa. Vossa tarefa é grande e santa. Vosso trabalho é a vida, é a glória, é a paz da Humanidade. Obreiros do pensamento, perscrutai os grandes problemas, estudai a Natureza, propagai a Ciência, espalhai por toda parte tudo o que consola, anima e fortifica. Que de uma extremidade a outra do mundo, unidos na obra gigantesca, cada um de nós se esforce a fim de contribuir para enriquecer o domínio material, intelectual e moral da Humanidade!

A Revista Espírita – Maio 1858

Allan Kardec

18. – Como alcançar essa calma? - Pela vontade 19. – Onde haurir essa vontade? -
Desvia o pensamento disso pelo trabalho.

A Revista Espírita – Fevereiro 1864

Allan Kardec

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

Necessidade da encarnação.

(Sociedade Espírita de Sens. - Médium, Sr. Percheron.)

Depois desta digressão, dirigida aos materialistas, retorno ao meu assunto. Se Deus quis que as suas criaturas espirituais estivessem momentaneamente unidas à matéria, foi, eu o repito, para fazer-lhes sentir e por assim dizer, suportar as necessidades que exige a matéria de seu corpo para a sua conservação e a sua manutenção; dessas necessidades nascem as vicissitudes que vão fazer sentir o sofrimento, e compreender a comiseração que deveis ter para com os vossos irmãos na mesma posição. Esse estado transitório é, pois, necessário para o progresso de vosso Espírito que, sem isso, permaneceria estagnado. As necessidades que vosso corpo vos fazem experimentar estimulam vosso Espírito e o forçam a procurar os meios de provê-las; desse trabalho forçado nasce o desenvolvimento do pensamento; o Espírito constrangido a presidir os movimentos do corpo para dirigi-los em vista de sua conservação, é conduzido ao trabalho material, e ao trabalho intelectual, que se necessitam um ao outro e um para o outro, uma vez que a realização das concepções no Espírito exige o trabalho do corpo, e que este não pode fazer senão sob a direção e o impulso do Espírito. O Espírito tendo assim tomado o hábito de trabalhar, e sendo constrangido ao trabalho pelas necessidades do corpo, o trabalho, ao seu turno, se torna uma necessidade para ele, e, quando desligado de seus laços, não tem mais que pensar na matéria, e pensa em trabalhar em si mesmo para o seu adiantamento Compreendeis agora a necessidade, para vosso Espírito, de estar ligado à matéria durante uma parte de sua existência, para não ficar estacionário. Teu pai, PERCHERON, assistido pelo Espírito de Pascal. Nota. - A estas observações, perfeitamente justas, acrescentaremos que, em tudo trabalhando por si mesmo, o Espírito encarnado trabalha para a melhoria do mundo em que habita; assim, ele ajuda a sua transformação e o seu progresso material que estão nos objetivos de Deus, do qual é

instrumento inteligente. Em sua sabedoria previdente, a Providência quis que tudo se encadeasse na Natureza; que todos, homens e coisas, fossem solidários; depois, quando o Espírito cumpriu a sua tarefa, que está suficientemente avançado, goza do fruto de suas obras.

Revista Espírita – Março 1864

Allan Kardec

Objetivo final do homem sobre a Terra.

Outrora os homens eram atrelados à charrua; eram sacrificados em trabalhos gigantescos, e a construção das muralhas da Babilônia, onde vários carros caminhavam de frente, a edificação das Pirâmides e a instalação da Esfinge custaram mais do que dez sangrentas batalhas. Mais tarde, os animais foram escravizados concorrentemente aos homens e viu-se, na jovem Lutécia, os bois emparelhados sob o jugo, arrastar o carro onde se refestelavam os reis preguiçosos da segunda raça. Este preâmbulo tem por objeto mostrar, àqueles que nos escutam, que todas as questões colocadas neste centro simpático aos Espíritos obtêm sua solução, seja por um, seja por outro dentre nós. Esse caro Jacquard, essa glória da profissão de tecelão, esse artesão engenhozo que caiu como um valente soldado no campo de honra e trabalho, tratou um lado das questões econômicas que se ligam ao labor humanitário. De alguma forma, me colocou em causa; falando das modificações que eu mesmo trouxe à arte do tecido e do tecelão, por assim dizer, ele me chamou para desempenhar minha parte neste concerto espiritual. É porque, achando entre vós um médium nascido como eu na velha cidade dos Allobroges, esse reino de Grésivaudan, dele me apodera com a permissão de seus guias habituais, e venho completar, por uma parte, a exposição que meu ilustre amigo de Lyon vos deu por outro médium. Em sua dissertação, muito notável de resto, ele expressa ainda alguns lamentos que, sob o inventor, vão encontrar o operário ciumento de seu ganha-pão e temendo a inatividade homicida; sente-se que o pai de família se espanta de uma suspensão de trabalho do qual depende a vida dos seus; adivinha-se o cidadão que treme diante do desastre que pode atingir a maioria de seus compatriotas. Esse sentimento, certamente, é dos mais honrados, mas denota um ponto de vista de certa estreiteza; venho tratar a mesma questão que Jacquard, senão mais longamente do que ele, pelo menos num ponto de vista mais geral; no entanto, devo constatar, para homenagear a quem de direito, que a generosa conclusão da comunicação de meu amigo recompensa amplamente o lado

defeituoso que assinalo. O homem não foi feito para permanecer um instrumento ininteligente de produções: por suas aptidões e seu lugar na criação, por seu destino, é chamado a uma outra função que a da máquina, a um outro papel que o de um cavalo astucioso; deve, nos limites postos por seu estado de adiantamento, chegar a produzir cada vez mais intelectualmente e se emancipar, enfim, desse estado de servidão e de máquina ininteligente, ao qual durante tantas gerações permaneceu escravizado. O operário está chamado a se tornar engenhoso, e a ver substituir seu braço laborioso por máquinas mais ativas, mais infatigáveis e mais precisas do que ele; o artesão deve tornar-se artista e conduzir o trabalho mecânico por um esforço de seu pensamento e não mais por um esforço de seus braços. Aí está a prova irrecusável dessa lei tão ampla do progresso, que rege todas as humanidades. Agora que vos é permitido entrever, por uma escapada sobre a vida futura, a verdade dos destinos humanos; agora que estais convencidos de que esta existência não é senão um elo de vossa vida imortal, posso bem exclamar: Que importa que cem mil indivíduos sucumbam quando uma máquina é descoberta para fazer o trabalho desses cem mil indivíduos! Para o filósofo, que se eleva acima dos preconceitos e dos interesses terrestres, esse fato prova unicamente que o homem não estava mais em seu caminho quando se consagrava a esse labor condenado pela Providência. Com efeito, é no campo de sua inteligência que o homem, doravante, deve fazer passar a grade da charrua que fecunda; será só pela sua inteligência que poderá que deverá chegar ao melhor. Não daí, eu vos peço, às minhas palavras, um sentido muito revolucionário; não! mas deixai-lhe seu sentido amplo e superior que comporta um ensino espírita que se dirige às inteligências já avançadas e prontas a compreenderem toda a importância de nossas instruções. É constante que se, de hoje para amanhã, o artesão abandonasse o ofício que o faz viver, sob pretexto de que, num tempo dado, este será substituído por um mecanismo ou toda outra invenção, é constante que seguiria um caminho fatal e contrário a todas as lições que o Espiritismo deu. Mas todas as nossas reflexões não têm senão um objetivo é o de demonstrar que ninguém deve gritar contra um progresso que substitui os braços humanos pelos motores e as engrenagens de um mecanismo. De resto, é bom acrescentar que a Humanidade pagou seu largo resgate à miséria, e que, a instrução, penetrando cada vez mais todas as camadas sociais, cada indivíduo se torna cada vez mais apto às funções tão intelligentemente chamadas liberais. É difícil para um Espírito, que se comunica pela

primeira vez a um médium, exprimir bem nitidamente o seu pensamento; desculpareis, pois, o desordenado de minha comunicação, da qual eis a conclusão em duas palavras: O homem é um agente espiritual que deve chegar, num período não afastado, a abrandar ao seu serviço e por todas as operações materiais, a própria matéria, dando-lhe por único motor a inteligência que desabrocha nos cérebros humanos.

VAUCANSON.

Joana D'Arc, Médium.

Cap. III §10 (33)

Léon Denis

Joana não descendia de alta linhagem; filha de pobres lavradores, fiava a lã junto de sua mãe, ou guardava o seu rebanho nas veigas do Mosa, quando não acompanhava o pai na charrua.i Não sabia ler nem escrever;ii ignorava todas as coisas da guerra. Era uma boa e meiga criança, amada por todos, especialmente pelos pobres, pelos desgraçados, aos quais nunca deixava de socorrer e consolar. Contam-se, a esse respeito, anedotas tocantes. Cedia de boamente a cama a qualquer peregrino fatigado e passava a noite sobre um feixe de palha, a fim de proporcionar descanso a anciães extenuados por longas caminhadas. Cuidava dos enfermos, como por exemplo, do pequeno Simon Musnier, seu vizinho, que ardia em febre; instalando-se lhe à cabeceira, velava-lhe o sono. Cismadora, gostava, à noite, de contemplar o céu rutilante de estrelas, ou, então, de acompanhar, de dia, as graduações da luz e das sombras. O sussurrar do vento nas ramagens ou nos arbustos, o rumorejo das fontes, todas as harmonias da Natureza a encantavam. Mas, a tudo isso, preferia o toque dos sinos. Era-lhe como que uma saudação do Céu à Terra. E qualquer que fosse o acidente do terreno onde seu rebanho se abrigasse, lá lhes ela ouvia as notas argentinas, as vibrações calmas e lentas, anunciando o momento do regresso, e mergulhava numa espécie de êxtase, numa longa prece, em que punha toda a sua alma, ávida das coisas divinas. Mal grado à pobreza, achava meio de dar ao sineiro da aldeia alguma gratificação para que prolongasse, além dos limites habituais, a canção de seus sinos.iii Penetrada da intuição de que sua vinda ao mundo tivera um fim elevado, afundava-se, pelo pensamento, nas profundezas do Invisível, para discernir o caminho por onde deveria enveredar. “Ela se buscava a si mesma”, diz Henri Martin. Ao passo que, entre seus companheiros de existência, tantas almas se mantêm fechadas e, por

assim dizer, extintas na prisão carnal, todo o seu ser se abre às altas influências. Durante o sono, seu Espírito, liberto dos laços materiais, se libra no espaço etéreo; apercebe-lhe as intensas claridades, retempera-se nas possantes correntes de vida e de amor que aí reinam, e, ao despertar, conserva a intuição das coisas entrevistas. Assim, pouco a pouco, por meio desses exercícios, suas faculdades psíquicas despertam e crescem. Bem cedo vão entrar em ação. No entanto, essas impressões, esses cismares não lhe alteravam o amor ao trabalho. Assídua em sua tarefa, nada desprezava para satisfazer aos pais e a todos aqueles com quem lidava. “Viva o trabalho!” dirá mais tarde, afirmando assim que o trabalho é o melhor amigo do homem, seu amparo, seu conselheiro na vida, seu consolador na provação, e que não há verdadeira felicidade sem ele. “Viva o trabalho!” é a divisa que sua família adotará e mandará inscrever lhe no brasão, quando o rei a houver feito nobre. Até nas insignificantes minúcias da existência de Joana se manifestam um sentimento muito vivo do dever, um juízo seguro, uma clara visão das coisas, qualidades que a tornam superior aos que a cercam. Já se reconhece ali uma alma extraordinária, uma dessas almas apaixonadas e profundas, que descem à Terra para desempenhar elevada missão. Misteriosa influência a envolve. Vozes lhe falam aos ouvidos e ao coração; seres invisíveis a inspiram, dirigem-lhe todos os atos, todos os passos. E eis que essas vozes comandam. Ordens superiores se fazem ouvir. É-lhe preciso renunciar à vida tranquila. Pobre menina de dezessete anos, deverá afrontar o tumulto dos acampamentos! E em que época! Numa época bárbara em que, quase sempre, os soldados são bandidos. Deixará tudo: sua aldeia, seus pais, seu rebanho, tudo o que amava, para correr em socorro da França que agoniza. À boa gente de Vaucouleurs que se apiada de sua morte, que responderá? “Foi para isto que nasci!”

O Grande Enigma

III §35º (51)

Léon Denis

Trabalhar com sentimento elevado, visando a um fim útil e generoso, é, ainda – orar. O trabalho é a prece ativa desses milhões de homens que lutam e penam na Terra, em benefício da Humanidade.

Socialismo e Espiritismo

Léon Denis

Cap. I §13 ao §21 Pág.35 a 40

De minhas constantes relações com os trabalhadores de toda ordem, uma consideração se depreende: é que os operários, sejam das cidades, sejam dos campos, tomados individualmente, isolados, são pouco acessíveis às doutrinas subversivas: comunismo e anarquismo. Sem dúvida, guardaram do passado, dos séculos de servidão, uma espécie de atavismo intuitivo que os torna hostis a todas as formas de opressão; mas possuem no fundo de si mesmos o sentimento da realidade, amam a justiça e o progresso. É sobretudo nos grandes centros industriais que os excitadores têm mais acesso sobre as massas operárias e que a palavra dos oradores inflamados, com ruim arrivismo, alcança-as melhor, propelindo-as para os excessos. Porém estes têm, geralmente, pouca duração. A França é um país de bom-senso e de razão e que permanecerá refratária às teorias do bolchevismo e outras doutrinas estrangeiras. O que se chama de “luta de classes” não existe senão no papel. Em realidade não há mais classes desde a Revolução, não há mais entre elas limites precisos, pois há penetração recíproca e contínua. Todo trabalhador econômico pode se tornar patrão. A burguesia tem suas raízes no povo e nele se recruta incessantemente: é de seu seio que se elevaram a maioria dos homens que ilustraram a Humanidade; foi daí que se alçaram tantos burgueses, graças ao seu trabalho ou ao seu talento. Por outro lado, quantos pequenos rendeiros, pequenos proprietários então, em razão da guerra e de suas consequências econômicas, não caíram no proletariado? Seu número é difícil de ser fixado, pois, mudando de situação, mudam quase sempre de residência e vão se perder no turbilhão das grandes cidades. A desgraça é que os campos se despovoam e que a plethora das cidades se acresce sem cessar. Desertam-se dos trabalhos sadios para irem se confinar em locais estreitos, privados de ar e de luz. Assim, a raça se esteriliza, míngua e resvala em um declive perigoso.

Cap. II §28 - Pág.59 e III §9 (65)

Muitos leitores perguntam-me o que penso da crise atual. Minha opinião pessoal importa pouco e prefiro resumir aqui, à guisa de resposta, as instruções dadas por nossos guias espirituais sobre esse assunto complexo e delicado: “As lições da guerra – dizem eles em substância –, não trouxeram os frutos que se poderiam esperar. O perigo passado, a matéria caiu mais pesadamente sobre o Espírito; ela superexcitou os apetites, a avidez. Como deter esse transbordamento de paixões que nos arrasta para o abismo? Suprimindo

o meio que as desencadeia: o dinheiro! Daí a crise financeira que sevia a hora presente. Deveis sentir-vos todos atingidos do ponto de vista social ou financeiro. Cada um deve fazer um retorno para trás, interrogar o passado e medir suas próprias responsabilidades. Apenas então uma reviravolta poderá se produzir. De acordo com uma lei imanente e superior, todo capital adquirido sem escrúpulo, sem trabalho, será volatilizado; pode-se prever ruínas sem número e a queda de muitos e grandes estabelecimentos. Do ponto de vista espiritual, é preciso regenerar a massa através do trabalho e de uma orientação nova, pois é pelo trabalho que se podem criar os objetos necessários às mudanças que são as fontes vitais da existência. Como deter esse desbordamento de paixões que arrastam para o abismo? De que serve a troca? É o dinheiro! Pois o dinheiro, que depois da guerra havia perdido o seu valor, em seguida à sua grande defasagem, deverá restabelecer-se gradualmente, em razão do esforço e do trabalho nacional. Vossos vizinhos intrigam contra vós, porém suas intrigas se voltam contra eles mesmos. É, em seguida, não de perda de vidas humanas, mas de perdas de fortunas, que vossa população compreenderá melhor a lei do trabalho e a ela se submeterá de bom grado. Há ainda o medo que é o início da sabedoria. A crise se encontrará resolvida pelo próprio jogo dos acontecimentos que o Alto julgou útil deixar amadurecer. É preciso ainda esperar pela solução desta crise e a de lutas econômicas e políticas. Para o momento, importa que cada um se volte para si mesmo; para isto a Espiritualidade ajudará. Uma nação sem ideal, sem um fim elevado, é logo reduzida a pó. Além disto, os círculos políticos, mais opositos, devem se inspirar em um ideal superior, um ideal que se alie ao racionalismo o mais extenso.”

– 0 –

Bíblia

II Tess. 3 v.10

Porque, quando ainda estávamos convosco, vos mandamos isto, que se alguém não quiser trabalhar, não coma também.

Jó 5 v.7

Mas o homem nasce para o trabalho, como as faíscas das brasas se levantam para voar.

João 5 v.17

E Jesus lhes respondeu: meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.

REVISTA ESPÍRITA JUNHO - 1866

Allan Kardec

O TRABALHO

(DO JORNAL ESPÍRITA ITALIANO LA VOCE DI DIO. TRADUZIDO DO
ITALIANO)

A medida do trabalho imposto a cada Espírito incarnado ou desencarnado é a certeza de ter realizado escrupulosamente a missão que lhe foi confiada. Ora, cada um tem uma missão a cumprir: este, numa grande escala, aquele em escala menor. Contudo, relativamente, as obrigações são todas iguais e Deus vos pedirá contas do óbolo posto entre vossas mãos. Se ganhastes um juro, se dobrastes a soma, certamente cumpristes o vosso dever, porque obedecestes à ordem suprema. Se, em vez de ter aumentado este óbolo o tivésseis perdido, é certo que teríeis abusado da confiança que o vosso Criador tinha posto em vós; assim, sereis tratado como um ladrão, porque tomastes e não restituísteis, Longe de aumentar, dissipastes. Ora, se, como acabo de dizer, cada criatura é Obrigada a receber e dar, quanto mais, Espíritas, tendes de obedecer a essa divina lei, quanto esforço deveis fazer para cumprir este dever perante o Senhor, que vos escolheu para partilhar seus trabalhos, que vos convidou à sua mesa. Pensai, meus irmãos, que o dom que vos é feito é um dos soberanos dons de Deus. Não vos envaideçais por isto, mas fazei todos os esforços para merecer este alto favor. Se os títulos que poderíeis receber de um grande da terra, se os seus favores são algo de belo aos vossos olhos, quanto mais vos deveríeis sentir felizes com os dons do senhor dos mundos; dons incorruptíveis e imperecíveis, que vos elevam acima de vossos irmãos e serão para vós a fonte de alegrias puras e santas! Mas quereis ser os seus únicos possuidores? Como egoístas, quereríeis guardar só para vós tanta felicidade e alegria? Oh! Não. Fosteis escolhidos como depositários. As riquezas que brilham aos vossos olhos não são para vós: pertencem a todos os vossos irmãos em geral. Deveis, pois, acrescentá-las e as distribuir, Como o bom jardineiro que conserva e multiplica suas flores, e vos apresenta no rigor do inverno as delícias da primavera; como no triste mês de novembro nascem rosas e lírios, assim estais encarregados de semear e cultivar em vosso campo moral flores de todas as estações, flores que desafiarão o sopro do aguilhão e o vento sufocante do deserto; flores

que, uma vez espalhadas em suas hastes, não passarão nem扇arão jamais; mas, brilhantes e vivazes, serão o emblema da verdura e das cores eternas. O coração humano é um solo fértil em afeição e doces sentimentos, um campo cheio de sublimes aspirações, quando cultivado por mãos da caridade e da religião. Oh! Não reserveis apenas para vós essas hastes sobre as quais crescem sempre tão doces frutos! Ofereci-os aos vossos irmãos, convidai-os a vir saborear, sentir o perfume de vossas flores, a aprender a cultivar os vossos campos. Nós vos assistiremos, encontraremos regatos frescos que, correndo suavemente, darão força às plantas exóticas, que são os germes da terra celeste, Vinde! Trabalharemos convosco, partilharemos vossa fadiga, a fim de que vós também, possais amontoar esses bens e deles fazer participar outros irmãos, caso necessário. Deus nos dá, e nós, reconhecidos por seus dons, os multiplicamos o mais possível. Deus nos manda melhorar os outros e a nós próprios; cumpriremos nossas obrigações e santificaremos sua sublime vontade. Espíritas, é a vós que me dirijo. Preparamos o vosso campo; agora agi de maneira que todos os que necessitarem, dele possam gozar largamente. Lembrai-vos que todos os ódios, todos os rancores, todas as inimizades devem desaparecer diante de vossos deveres. Instruir os ignorantes, assistir os fracos, ter compaixão dos aflitos, defender os inocentes, lamentar os que estão no erro, perdoar aos inimigos. Todas essas virtudes devem crescer em abundância no vosso campo, e deveis implantá-las nos dos vossos irmãos. Recolhereis uma ampla colheita e sereis abençoados por vosso Pai que está nos céus! Meus caros filhos, quis dizer-vos todas essas coisas a fim de vos encorajar a suportar com paciência todos aqueles que, inimigos da nova doutrina, buscam vos denegrir e vos afligir. Deus está convosco, não o duvideis. A palavra de nosso Pai celeste desceu ao vosso globo, como no dia da criação. Ele vos envia uma nova luz, luz cheia de esplendor e de verdade. Aproximai-vos, ligai-vos estreitamente a ele e segui corajosamente o caminho que se abre à vossa frente.

OS FUNERAIS DA SANTA SÉ

GUERRA JUNQUEIRO

FALA O PAPA (Página 116)

Agora, para obter o pão de cada dia, tenho que trabalhar! Meu Deus, a tirania é tanta, que preciso ter muita paciência. Podia bem vencer o mal com a violência, mas sou prudente e já me vão tremendo as pernas só em pensar no ardor das cóleras eternas.....

FALA O CAMPONÊS (Página 150)

Se queres receber do céu diretamente a mansa inspiração, amena e viridente, entrega-te ao labor e deixa, pobre filho, que a tua ideia vá, no luminoso trilho, subindo como sobem aves pequeninas, talvez a procurar paragens mais divinas...

AS ATIVIDADES DOS ESPÍRITOS

Segundo nos ensinam os mestres, podemos avaliar a evolução das pessoas pela atividade que desempenham: quanto mais se dedicam ao trabalho, mais elevadas são. A indolência é uma peculiaridade dos espíritos primitivos, o que é evidente. E essa verdade é válida também para os desencarnados, porque o revestimento do corpo não modifica as pessoas. Muitos podem estranhar que os espíritos trabalhem, porque estão presos à ideia de que o trabalho está intimamente ligado às necessidades da sobrevivência física e ao conforto que o dinheiro, obtido pelo trabalho, possa lhes proporcionar. Ignoram que o trabalho é uma necessidade, como o alimento que sacia e o ar que se respira. Um prisioneiro que não possa fazer nada para ocupar o tempo morrerá ou enlouquecerá de tédio. Um dos maiores castigos é privar um trabalhador de desempenhar qualquer atividade. O ócio, por paradoxal que pareça, cansa. Aquele conceito que tínhamos, quando desconhecíamos o espiritismo, de que ao morrermos iríamos para o céu ou para o inferno (no primeiro caso, para ficarmos eternamente louvando a Deus e, no segundo, para sermos lançados nos caldeirões fumegantes), deixou de existir. Hoje sabemos que os espíritos estão em constante atividade, desempenhando as mais variadas funções, com um campo de trabalho muito mais amplo do que o dos encarnados. Ao leremos os livros que descrevem a vida espiritual; verificamos com que amor esses trabalhadores do Senhor se dedicam ao trabalho e ao estudo, unindo a prática à teoria. E os serviços são os mais variados possíveis, pois, assim como aqui, lá também há inumeráveis tarefas a desempenhar, no campo da produção de bens, da pesquisa, das artes, do ensino, da cura, da programação de reencarnações, do atendimento aos desencarnados, etc. Embora lá também existam preguiçosos porque também o eram aqui - devemos admitir que em percentual muito elevado, pois vivemos num mundo de expiações e provas -, não devemos esquecer que estamos marchando em busca da perfeição, e que somente a atingiremos por meio do trabalho e do estudo, que nos enobrecem e instruem. As atividades dos espíritos não se limitam aos planos espirituais; abrangem também a humanidade reencarnada e os demais

seres da criação. Aqui vivem na abençoada missão de proteger-nos, inspirar-nos e consolar-nos, desde que mereçamos essa assistência. E sem conta o número de pessoas que afirmaram que tiveram ajuda para solucionar os seus problemas, seja de ordem física ou psíquica, bem como no campo das artes e das pesquisas. Esses benfeiteiros espirituais são conhecidos por muitos nomes: anjos guardiões, guias protetores, mentores espirituais, etc. É impossível entender a magnitude dos trabalhos que os espíritos realizam, porque eles vão desde um passe (para nós imperceptíveis, mas que opera "milagres") até a função de dirigir os destinos das galáxias, conforme nos ensina André Luiz. Muitos encarnados já nos disseram que achavam cansativo ficar eternamente trabalhando, sem nunca poder aposentar-se e viver a "doce vida". Essas pessoas já nasceram cansadas, no dizer popular. Aqui mesmo, no corpo carnal, muitas criaturas abnegadas desencarnam em avançada idade, sem nunca deixar de trabalhar. São aqueles que morrem em plena atividade, afirmando que quem não trabalha não tem direito à vida. O trabalho é cansativo para quem o executa contra a sua vontade, por necessidade financeira, mas não para aquele que o faz por amor, com prazer, e vê que ele beneficia uma coletividade. O Cansaço é natural para o corpo físico, mas para os espíritos mais elevados isso não acontece, pois a fatiga para eles não existe, porque dispõem de um corpo mais sutil. E como as atividades mais importantes são de ordem mental, como a de comandar uma falange de subordinados, é evidente que se limitam a tomar decisões que serão executadas pelos subalternos, não estando sujeitos (tal como entendemos) ao cansaço. Deus trabalha ininterruptamente desde toda eternidade. Se um dia Ele deixasse de agir, tudo deixaria de existir, porque tudo depende de Sua existência vivificante.

PÉROLAS LITERÁRIAS

Antonio Fernandes Rodrigues

Arar e Orar (Página 40 - 69)

Léon Tolstoi

Um sacerdote, vendo um lavrador que guiava um arado, aproximou-se perguntando-lhe: - Se soubesses que ias morrer esta noite, em que empregarias o resto do dia? - Em arar, respondeu-lhe o campônio. O sacerdote esperava que o bravo lavrador lhe dissesse que passaria o tempo confessando-se, rezando ou na igreja. Admirando-se da resposta que

havia recebido, pensou um momento e disse: - Meu amigo, tu deste a mais sábia resposta que se pode dar, porque arar é orar. A oração do trabalho é sempre satisfatória.

O Trabalho

Constâncio C. Vigil

Como o trabalho tem sido torpemente caluniado e aviltado! Entretanto, sabemos que é tão saudável quanto a água pura, tão bom quanto o pão, e tão necessário quanto o ar. Sem ele não há saúde nem alegria, não há paz nem honra, não há esperança nem consolo.

Chamamos honrado unicamente aquele que paga com o próprio esforço o direito de viver, e ladrão aquele cujo trabalho não justifica sua existência e que não devolve à vida a parcela de amor que lhe deu o ser. Deus nos impôs o trabalho, mas a fraqueza humana nos leva a supor que é possível viver sem trabalhar Não são poucos os que se queixam do trabalho o que equivale a queixar-se do vento, da chuva, da noite ou das constelações.

Não são poucos os que têm piedade doe; que ganham com o trabalho o pão de cada dia, e ignoram que esses humildes seres também poderiam apiedar-se deles e com melhores razões. São obrigatórias, igualmente, as atividades físicas, morais e espirituais. Os que se abstêm de alguma dessas atividades sofrem as penas que ocultamente estão reservadas aos transgressores. Essas penas são graves. Só a dor substitui o trabalho. Não há outra alternativa. Ao renunciar a alguma das formas pré-estabelecidas de atividade renunciamos à saúde integral e também à alegria e à esperança.

HISTÓRIA DO ESPIRITISMO

Artur Conan Doyle

"E' muito difícil dizer-vos acerca do trabalho no mundo espiritual. A cada um é designada a sua tarefa, conforme o progresso que haja realizado. Se uma alma tiver vindo diretamente da Terra, ou de algum mundo material, então deve aprender tudo quanto haja desprezado na passada existência, a fim de desenvolver o seu caráter para a perfeição.

Como tiver feito sofrer na Terra, assim sofrerá. Se tiver muito talento, levá-lo-á à perfeição aqui. Porque se tiverdes muito talento musical ou qualquer outro, nós os temos aqui e maiores. A música é uma das forças motoras do nosso mundo. Mas, conquanto as artes e os talentos sejam desenvolvidos ao máximo, o grande trabalho das almas é o seu aperfeiçoamento para a Vida Eterna. Há grandes escolas que ensinam os Espíritos-

crianças. Além de aprenderem tudo acerca do universo e de outros mundos, acerca de outros reinos sob as leis de Deus, aprendem lições de altruísmo, de verdade e de honra. . Os que aprenderam antes como Espíritos-crianças, se tiverem que voltar ao mundo, aparecem como os mais elevados caracteres. Os que passaram a existência material em meros trabalhos físicos, têm que aprender tudo quando aqui chegam. O trabalho é uma coisa maravilhosa e os que se tornam mestres de almas aprendem consideravelmente. As almas de literatos se tornam grandes oradores e falam e ensinam em linguagem eloquente. Há livros, mas de forma muito diversa dos vossos. Um que estudou as vossas leis terrenas entraria . na escola espírita como professor de justiça. Um soldado que tenha aprendido as lições da verdade e da honra, guiará e ajudará as almas, de qualquer esfera ou mundo, a luta pela correta fé em Deus."

O CÉU E O INFERNO

Allan Kardec

ANGÈLE, nulidade sobre a Terra (Bordéus, 1862)

Com este nome, um Espírito se apresentou espontaneamente ao médium.

1. Arrependei-vos das vossas faltas? — R. Não. — P. Então por que me procurais? — R. Para experimentar. — P. Acaso não sois feliz? — R. Não. — P. Sofreis? — R. Não. — P. Que vos falta, pois? — R. A paz. Certos Espíritos só consideram sofrimento o que lhes lembra das suas dores físicas, convindo, não obstante, ser intolerável o seu estado moral.
2. Como pode faltar-vos a paz na vida espiritual? — R. Uma mágoa do passado. — P. A mágoa do passado é remorso; estareis, pois, arrependida? — R. Não; temor do futuro é o que experimento. — P. Que temeis? — R. O desconhecido.
3. Estais disposta a dizer-me o que fizestes na última encarnação? Isso talvez me facilite a orientar-vos. — R. Nada.
4. Qual a vossa posição social? — R. Mediana. — P. Foste casada? — R. Sim; fui esposa e mãe. — P. E cumpristes zelosa os deveres decorrentes desse duplo encargo? — R. Não; meu marido entediava-me, bem como meus filhos.
5. E de que modo preenches a existência? — R. Divertindo-me em solteira e enfadando-me como mulher. — P. Quais eram as vossas ocupações? — R. Nenhuma. — P. E quem cuidava da vossa casa? — R. A criada.

6. Não será cabível atribuir a essa inércia a causa dos vossos pesares e temores? — R.
Talvez tenhais razão. Mas não basta concordar. — P. Quereis reparar a inutilidade dessa existência e auxiliar os Espíritos sofredores que nos cercam? — R. Como? — P. Ajudando-os a aperfeiçoarem-se pelos vossos conselhos e pelas vossas preces. — R. Eu não sei orar. — P. Fá-lo-emos juntos e aprendereis. Sim? — R. Não. — P. Mas por quê? — R. Cansa.

InSTRUÇÕES DO GUIA DO MÉDUM.

Damos-te instrução, facultando-te o conhecimento prático dos diversos estados de sofrimento, bem como da situação dos Espíritos condenados à expiação das próprias faltas.

Ângela era uma dessas criaturas sem iniciativa, cuja existência é tão inútil a si como ao próximo. Amando apenas o prazer, incapaz de procurar no estudo, no cumprimento dos deveres domésticos e sociais as únicas satisfações do coração, que fazem o encanto da vida, porque são de todas as épocas, ela não pôde empregar a juventude senão em distrações frívolas; e quando deveres mais sérios se lhe impuseram, já o mundo se lhe havia feito um vácuo, porque vazio também estava o seu coração. Sem faltas graves, mas também sem méritos, ela fez a infelicidade do marido, comprometendo pela sua incúria e desleixo o futuro dos próprios filhos. Deturpou lhes o coração e os sentimentos, já por seu exemplo, já pelo abandono em que os deixou, entregues a fâmulos, que ela nem sequer se dava ao trabalho de escolher. A sua existência foi improfícua e, por isso mesmo, culposa, visto que o mal é oriundo da negligência do bem. Ficai bem certos de que não basta abster-vos de faltas: é preciso praticar as virtudes que lhes são opostas.

Estudai os ensinamentos do Senhor; meditai-os e compenetrai-vos de que eles, se vos fazem estacar na senda do mal, também vos impõem voltar atrás, a fim de tomardes o caminho oposto que conduz ao bem. O mal é a antítese do bem; logo, quem quiser evitar o primeiro deve seguir o segundo, sem o qual a vida se torna nulas mortas as suas obras, e Deus, nosso pai, não é o Deus dos mortos, mas dos vivos. —

P. Ser-me-á permitido saber qual teria sido a penúltima existência de Angèle? A última deveria ter sido consequência dela, isto é, da penúltima. —

R. Ela viveu na indolência beatífica, na inutilidade da vida monástica. Preguiçosa e egoísta por gosto, quis experimentar a vida doméstica, mas seu Espírito pouco progrediu.

Sempre repeliu a voz íntima que lhe apontava o perigo, e, como a propensão era suave, preferiu abandonar-se a ela, a fazer um esforço para sustá-la em começo. Hoje ainda comprehende o perigo dessa neutralidade, mas não se sente com forças para tentar o mínimo esforço. Orai por ela, procurai despertá-la e fazer que seus olhos se abram à luz. É um dever, e dever algum se despreza.

O homem foi criado para a atividade; a atividade do Espírito é da sua própria essência; e a do corpo, uma necessidade.

Cumpri, portanto, as prescrições da existência, como Espírito votado à paz eterna. A serviço do Espírito, o corpo mais não é que máquina submetida à inteligência: trabalhai, cultivai, portanto, a inteligência, para que dê salutar impulso ao instrumento que deve auxiliá-la no cumprimento de sua missão. Não lhe concedais tréguas nem repouso, tendo em mente que essa paz a que aspirais não vos será concedida senão pelo trabalho. Assim, quanto mais protelardes este, tanto mais durará para vós a ansiedade de espera.

Trabalhai, trabalhai incessantemente; cumpri todos os deveres sem exceção, isto com zelo, com coragem, com perseverança.

A fé vos alentará. Todo aquele que desempenha conscientemente o papel mais ingrato e vil da vossa sociedade, é cem vezes mais elevado aos olhos do Onipotente do que aquele que, impondo esse papel aos outros, despreza o seu. Tudo é degrau que dá acesso ao céu: não quebreis a lápide sob os pés e contai com o concurso de amigos que vos estendem a mão, sustentáculos que são dos que vão haurir suas forças na crença do Senhor. Monod